

## O filho de fake news

J. Carlos de Assis, economista, RJ 31/03/2018



Os imprevisíveis caminhos da tragédia brasileira que levaram aos maiores postos da República figuras tão desprezíveis como Michel Temer e Henrique Meirelles agora nos ameaçam com Rodrigo Maia. Quem é o deputado Rodrigo Maia? Quais são suas idéias? Quais projetos apresentou na Câmara? Que tipo de credencial tem para assumir a Presidência na hipótese do afastamento de Temer? Qual é sua relação com o povo e com a nacionalidade?

É filho de César Maia. Mas quem é César Maia, senão o pintor de periferias de favelas do Rio mais afeito ao marketing pessoal, como o favela-bairro, do que com o serviço público decente. Se o filho puxou o pai, é um neoliberal assumido. Lembro-me de César Maia retardando e finalmente sepultando um projeto de regulamentação bancária e financeira do país sob o argumento de que assumia, como relator, a posição inequívoca de liberal.

Tenho que me ater à personalidade do pai porque o filho que fizeram presidente da Câmara para ajudar Temer, por absoluta irresponsabilidade da maioria, é um desconhecido político. Estamos descobrindo-o aos poucos, inclusive no seu esforço ingente de fazer passar a reforma da Previdência no rastro de outros esbulhos da era Temer. Agora acham que pode saltar para a Presidência sem voto para depois, já no poder, comprá-la.

Voltemos ao pai. Sua atuação política mais importante, além das *fake news* da favela-bairro, foi a denúncia da Proconsult no longínquo 1982 na eleição de Brizola para governador do Rio. Foi seu primeiro “kaô”. Os brizolistas que me perdoem, mas não houve nenhuma tentativa de manipular o resultado das eleições em favor de Moreira, que, aliás, foi muito bem

derrotado pelo grande líder gaúcho independentemente de eventuais tentativas.

Foi César Maia quem inventou a manipulação tendo em vista o descompasso entre os ritmos de apuração no interior do Estado, onde Moreira tinha seus currais eleitorais, e na capital, onde Brizola ganharia disparado. Conheço muito bem o que aconteceu porque era repórter da Folha de S. Paulo e o jornal me mandou apurar o que acontecia no Rio. Fiz meu trabalho, desmontei as “fake news” e a reportagem está lá, publicada para a história.

Para compreender o que aconteceu deve-se entender, inicialmente, que aquelas eram as primeiras eleições gerais no Brasil, exceto para Presidente, e incluindo governadores e senadores. Na apuração, havia no boletim eleitoral nada menos que 72 campos a serem preenchidos de acordo com a apuração. Todos os órgãos de imprensa se prepararam para a apuração, que consistia em totalizar os valores dos boletins ao ritmo mais rápido possível.

Ora, o interior apurava e totalizava os votos em seções mais tranquilas, enquanto na capital e Região Metropolitana o processo era necessariamente tumultuado e lento. A tevê Globo, com brutal incompetência, dava os resultados de acordo com a totalização dos boletins, isto é, mediante preenchimento de 72 campos, usando-se as informações oficiais colhidas no interior que eram repassadas por telefone mais rápido.

Isso colocava Moreira na frente, embora com totalização mínima dos votos. Aconteceu então que a rádio JB, associada ao jornal, compreendeu que o interesse do povo eram os cabeças de chapa, isto é, governador e senador, abandonando a apuração dos candidatos proporcionais. Com isso apurou os votos majoritários no Rio, segundo os boletins oficiais, enquanto a Globo se arrastava atrás fazendo a totalização completa.

Foi o descompasso da apuração entre rádio JB, acelerada, e Globo, retardada, que levantou a suspeita de Brizola. Obviamente que ele não tinha conhecimento detalhado da apuração, de forma que embarcou na tese de César Maia para denunciar a tentativa de roubo eleitoral. Seus demais assessores e militantes acompanharam a onda alimentada por artifícios “técnicos” de Maia. Inventaram até um fator delta, que seria o instrumento do roubo.

Brizola ganhou, provavelmente sem saber que ganharia de qualquer maneira, independentemente das *fake news* de César Maia. Mas este último, por conta de suas “denúncias”, ganhou grande status como um dos principais da assessoria econômica dele. Anos depois inventaria a expressão “factóide” para designar, em seu favor, o que seria hoje *fake news*. Assim, fator delta e Proconsult foram suas primeiras *fake news*. O filho é o segundo.

**Fonte:**

<http://www.frentepelasoberania.com.br/politica/o-filho-de-fake-news/>

